# Dia 7 — Santo Estanislau, Bispo e Mártir

Nasceu Santo Estanislau em Szczepanów, diocese de Cracóvia, no dia 26 de julho do ano de 1030, e foram seus pais Wielislau e Bogna, ambos de casas ilustríssimas no reino da Polônia. Sendo tão distintos estes senhores pela nobreza de seu sangue, ainda o eram muito mais pela de suas virtudes; constituíram-se pais dos pobres, achando neles as viúvas, os órfãos e os necessitados socorro, amparo e proteção; enfim, não havia casa mais exemplar nem mais cristã. Pela particular devoção que professavam a Santa Maria Madalena, edificaram à santa, numa de suas possessões, uma magnífica igreja, na qual passavam a maior parte do dia em oração. Já haviam perdido a esperança de ter filhos quando, depois de trinta anos de matrimônio, tiveram Estanislau. Seu gozo foi o que se deixa considerar e cresceu sensivelmente quando observaram no menino como uma inclinação inata à virtude.

Puseram todo o seu cuidado em criá-lo no santo temor de Deus; mas pouco tiveram que fazer na educação de Estanislau. Todo o seu entretenimento e todo o seu gosto era a oração. Passava horas inteiras de joelhos diante dos altares, e isto numa idade em que, para fazer que outros meninos estejam na igreja, é mister divertir e enganá-los. Sobretudo o amor à santíssima Virgem era sua devoção predileta, que quase se notou nele desde o berço e foi crescendo toda a sua vida.

Mal tinha Estanislau oito ou nove anos e já sua virtude era a admiração de todos; sua ingenuidade, sua docilidade e sua modéstia eram claros indícios de sua inocência. Descobriu logo sua inclinação à austeridade e ao espírito de penitência; deixou a cama e começou a dormir na nua terra; e era tão engenhoso em mortificar os sentidos que se passavam poucas horas do dia sem que fizesse deles algum generoso sacrifício. Era sua vida um contínuo jejum; e, ainda que era de uma compleição muito robusta, causava grande admiração sua excessiva abstinência. Parece que havia mamado com o leite a caridade para com os pobres; tudo se conseguia dele contanto que prometessem dinheiro para dar esmola; e ordinariamente repartia entre os pobres o que lhe davam para jogar e para divertir-se.

Alegríssimos os pais de Estanislau ao ver tão bem empregados os desvelos com que haviam atendido a sua educação, enviaram-no a estudar em Gnesen e depois em Paris. Fez admiráveis progressos, porque estava dotado de um excelente engenho. Quiseram fazê-lo doutor naquela célebre e então primeira universidade do mundo, mas resistiu sua humildade. Depois de haver residido sete anos em Paris, restituiu-se à Polônia, onde se achou herdeiro de um rico patrimônio por morte de seus pais.

Desejando não pensar em outra coisa que em sua eterna salvação, distribuiu todos os seus muitos bens entre os pobres. Deliberou muito tempo se entraria em alguma religião; mas, conhecendo

Lamberto, bispo de Cracóvia, de quanta utilidade seria a todo o clero a virtude de Estanislau, persuadiu-o a que abraçasse o estado eclesiástico; ordenou-o de todas as ordens e proveu nele uma prebenda daquela igreja.

Logo que Estanislau se viu dedicado ao sagrado ministério dos altares, só pensou em fazer-se digno de tão alta dignidade por meio de uma vida exemplar. Persuadido de que o cônego tem obrigação de arranjar seus costumes e toda a sua conduta conforme aos sagrados cânones, redobrou seu fervor, seu espírito de mortificação e de penitência; proibiu-se toda comunicação com seculares; o estudo, a oração e as obras de caridade ocuparam todo o seu tempo. A todos edificava sua virtude e sua modéstia; e em poucos dias fez-se um perfeito modelo da vida que devem levar os cônegos.

Mas esta virtude não era ociosa nem menos ativa. Ainda que professava tanto amor à solidão e ao retiro, sempre estava pronto a sacrificar-se ao maior bem espiritual dos próximos; pregava com tanta eficácia, espírito e moção que bastava ouvi-lo para converter-se. Assim foi fruto visível de seus sermões e de seus exemplos a reforma dos costumes em Cracóvia e em toda a sua comarca, e todo o bispado mudou de semblante.

Não se cansando o bispo Lamberto de dar graças a Deus pela acertada eleição que havia feito de tão insigne operário, começou desde logo a olhá-lo já como sucessor seu no bispado e até lhe instou para que aceitasse a renúncia que pensava fazer dele em seu favor; mas sobressaltou-se tanto sua humildade que o mais que pôde conseguir de Estanislau foi descarregar nele o cuidado da pregação e também o da maior parte da administração do bispado.

Mas isto não durou muito tempo; porque, vagando a cadeira episcopal por morte de Lamberto, tanto o clero como o povo pediram unanimemente por bispo a Estanislau. Certamente tudo isto foi mister para vencer sua humildade. Logo que se viu pastor dos que tanto havia edificado, constituiu-se pai de todos. Aplicou-se de novo à instrução de seu povo com tanto empenho que seu zelo, sua caridade e solicitude pastoral mal lhe deixavam tempo para tomar algum descanso.

Não se contentava com visitar cada ano todas as paróquias do bispado; descia ao mais miúdo das necessidades espirituais e corporais de todas as suas ovelhas, provendo a todas com tanta caridade que era voz comum que as rendas do bispado de Cracóvia não eram do bispo, mas dos pobres. Tinha tanto prazer em dar esmola e a dava com tanta liberalidade que seu palácio jamais se esvaziava de aflitos e de necessitados. Poucos dias se passavam sem que fosse pessoalmente visitar alguns pobres enfermos, e nenhum sem que desse provas de seu grande zelo e de sua ardente caridade.

Mas, sobretudo, sua vigilância e sua atenção particular eram sobre os clérigos; não lhe parecia bastante que sua vida não fosse escandalosa, queria que fosse exemplar e que correspondesse em tudo à santidade do estado. Ganhava a todos com seu doce trato, e sua apacibilidade desarmava os mais obstinados.

Longe de servir-se da sublime dignidade de bispo como de pretexto para temperar algo a penitente austeridade de sua vida, estreitou-a mais logo que se viu com a mitra. Seus jejuns eram contínuos, suas penitências excessivas, cingindo-se um áspero cilício que não tirou do corpo até a

morte; de maneira que mal era conhecido por outro nome que pelo de santo bispo, e toda a Polônia o olhava com admiração e com respeito.

Reinava então na Polônia Boleslau II, cuja desordenada vida fazia chorar os bons e escandalizava todo o reino. Não havia prelado que se atrevesse a representar-lhe a mancha que lançava sobre a glória de seu nome e o perigo a que expunha a salvação de sua alma; só Estanislau teve valor para fazer-lhe uma representação, cheia do maior respeito, suplicando-lhe que considerasse o grande escândalo que dava aos senhores da corte e a todo o povo; e, ajoelhando-se a seus pés, suplicou-lhe com muitas lágrimas que aplacasse a ira do céu por meio de uma conversão pronta e sincera.

Ainda que irritado o rei pela liberdade com que lhe falou, reprimiu-se por então em consideração à eminente virtude do santo bispo e até fingiu render-se a seus salutares conselhos. Mas apenas o perdeu de vista, acesa de novo a cólera, queixou-se em presença de seus cortesãos da liberdade atrevida do bispo, e cresceu seu ressentimento ao passo que iam crescendo suas desordens. Pouco tempo depois arrebatou o rei por força da casa e do poder de seu marido uma das mais virtuosas senhoras do palatinado de Sieradz, chamada Cristina. Este ruidoso atentado irritou a nobreza e excitou a indignação de todo o clero; mas nem o arcebispo de Gnesen, ainda que primaz, nem os prelados que se achavam na corte ousaram dizer palavra ao rei, para não experimentar os efeitos de sua cólera. Só Estanislau, altamente comovido de tão pernicioso escândalo e pospondo sua vida ao cumprimento de sua obrigação, como outro São João Batista, teve espírito para dizer ao rei, com todo o respeito e com toda a veneração devida à majestade, que não lhe era lícito ter a mulher de outro.

Furiosamente irritado, Boleslau voltou-lhe as costas com enfado e com desprezo, resolvendo em seu coração vingar-se do bispo de Cracóvia até perdê-lo. Mas, como a exemplar vida de Estanislau e sua notória virtude universalmente reconhecida não podiam oferecer motivo justo nem sequer o menor pretexto para persegui-lo em justiça, tomou-se o partido de recorrer à calúnia.

Havia comprado Estanislau a um cavaleiro chamado Pedro o território de Piotrawin, no palatinado de Lublin [^1]: pago o preço em presença de testemunhas, havia-o dado e unido à sua igreja, e o próprio rei havia infeudado o contrato, pelo que o santo se achava, depois de três anos, em pacífica posse daquela terra. O desejo de molestar o bispo encontrou modo neste contrato para suscitar-lhe um pleito. Mandou dizer o rei aos herdeiros de Pedro que, se queriam recobrar aquela terra, não tinham mais que citar o bispo em justiça e pôr-lhe a demanda ante o próprio rei. Os herdeiros, sobrinhos do defunto, com a cobiça e com a ânsia de recobrar o que havia sido de seu tio, citaram o bispo de Cracóvia diante do rei, o qual lhe mandou comparecer no dia da convocação que se chamava o colóquio.

Compareceu o santo, e as partes contrárias pediram que se lhes reintegrasse na posse daquele terreno, alegando haver sido usurpado. Defendeu-se Estanislau dizendo que a terra havia sido comprada e bem paga em vida de seu legítimo dono; negaram o fato os contrários; o bispo produziu suas testemunhas; mas, como a estas haviam ameaçado com a morte se diziam a verdade, nenhuma se atreveu a depô-la, e todas foram perjuras. Já estava para ser condenado Estanislau quando, voltando-se a Deus e cheio de uma santa confiança em sua proteção, disse ao rei, em presença daquela numerosa junta, que, se se lhe concedia o prazo de só três dias, dentro

deles produziria uma testemunha em quem todos se veriam obrigados a crer, porque seria o próprio Pedro, morto três anos havia.

Ao ouvir uma proposição tão extraordinária como assombrosa, todos a admitiram; e o rei concedeu o prazo dos três dias, que passou Estanislau em jejuns e orações. Chegado o dia assinalado, celebrou o santo missa e, vestido de pontifical, seguido de um imenso povo, dirigiu-se à sepultura de Pedro; mandou abri-la, e achou-se o corpo convertido em pó. Fez o santo uma fervorosa oração a Deus, acompanhada de muitas lágrimas, e, tocando aquele pó, mandou-lhe em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo que revivesse e ressuscitasse para dar testemunho da verdade. Ao ponto, o pó configurou-se em corpo humano, ressuscitou o morto e saiu da sepultura. À vista de tão grande milagre, prorromperam todos os circunstantes em grandes gritos de admiração e de alegria. Tomou o santo pela mão o morto ressuscitado e, conduzindo-o primeiro diante do altar-mor para render graças a Deus, levou-o depois, acompanhado de um incrível gentio, à presença do rei na assembleia geral, para destruir a calúnia. Assombrou-se tanto o príncipe, como todos os da junta, ao ver aquele espetáculo que ninguém teve alento para dizer nem uma só palavra. Então, voltando-se ao rei o santo bispo, disse-lhe: «Senhor, aqui está a testemunha incontestável que ofereci apresentar; dela poderá saber a verdade Vossa Majestade, se for servido.» «Sim, Senhor, respondeu o ressuscitado defunto, é certo que vendi ao bispo Estanislau minha terra de Piotrawin e que me pagou o preço em que nos concertamos, pelo que meus sobrinhos não têm razão para inquietá-lo neste ponto.» Disse isto com voz tão clara e tão esforçada que o ouviu todo o concurso, no qual se levantou uma espécie de murmúrio que mostrou bem a indignação que todos sentiam pela injustiça que se fazia ao santo. O rei ficou espantado e ao mesmo tempo irritado dentro de seu coração; mas, como a justificação era tão evidente, sem haver arbítrio para contestá-la, confirmou o bispo na posse da terra; e Estanislau, acompanhado dos principais membros da junta geral, voltou a conduzir tranquilamente o ressuscitado Pedro a sua sepultura, onde entrou, se acomodou e voltou a morrer, tendo-se feito depois muitos sufrágios por sua alma. O concílio de Basileia produz este famoso milagre contra o artigo quarto dos hussitas, que defendiam que não devia a Igreja ter rendas nem possuir bens temporais.

À vista de tão grande prodígio suspendeu-se por algum tempo a cólera do rei contra o bispo; mas não durou muito tempo a bonança. Gemiam todos os estados do reino sob a tirania do príncipe mais dissoluto que se havia visto no trono; e, não se achando sequer um que se atrevesse a fazer-lhe uma humilde representação, recorreu-se ao generoso Estanislau, o qual pela terceira vez foi representar-lhe quanto devia temer a indignação de Deus justamente irritado por seus delitos. Fê-lo com tanto respeito e com tantas lágrimas que Boleslau se mostrou algo enternecido; mas, como o santo o apertasse a que se convertesse, não quis dar-lhe ouvidos e entregou-se mais que nunca a suas desordens.

Gemia Estanislau dia e noite na presença de Deus, não cessando de pedir a conversão do rei e acrescentando novas penitências a suas orações e a suas lágrimas. Mas, vendo que de nada aproveitavam estes remédios, julgou que devia lançar mão da severidade das censuras; e, tendo-o separado da comunhão dos fiéis, interditou-lhe a entrada na igreja. Enfureceu-se Boleslau e resolveu livrar-se de uma vez do santo bispo. Soube que se havia retirado à capela de São Miguel, pouco distante da cidade, e seguiu-o para pôr seu intento em execução: disseram ao rei que estava celebrando o santo sacrifício da missa, e mandou a seus guardas que o matassem no

mesmo altar. Não se espantou o santo à vista dos assassinos, porque fazia muito tempo que se considerava como vítima destinada ao sacrifício; mas os assassinos atemorizaram-se tanto ao ver o santo prelado que, possuídos de um pavoroso respeito, saíram da igreja; o que visto pelo desditoso rei, cheio de um raivoso furor, entrou ele mesmo na igreja com o sabre na mão e descarregou sobre a cabeça de Estanislau tão terrível golpe que o estendeu morto sobre o mesmo altar em que estava celebrando, no dia 8 de maio do ano 1079.

Enfurecido mais e mais o ímpio rei com o horrível delito que acabava de cometer, mandou que tirassem da igreja o santo corpo e que, fazendo-o em pedaços, os lançassem ao campo para que servissem de pasto às aves de rapina. Mas tomou Deus por sua conta a defesa daquelas sagradas relíquias; porque enviou uma águia que, fazendo-lhes sentinela dia e noite, espantou todas as bestas carniceiras, até que, juntando os cônegos os esparsos membros do santo corpo, enterraram-no secretamente diante da igreja de São Miguel, onde não tardou o Senhor em manifestar a glória do santo bispo.

Chegou aos ouvidos do papa Gregório VII a notícia deste sacrílego parricídio, e ao ponto fulminou excomunhão contra o rei Boleslau e contra todos os seus cúmplices, dando ordem ao arcebispo de Gnesen e a todos os bispos da Polônia para que os denunciassem publicamente e fechassem todas as igrejas. Nos princípios mostrou o rei fazer pouco caso e até zombar da excomunhão e do interdito, mas não deixou Deus por longo tempo sem castigo este desprezo. Viu-se aquele desventurado príncipe objeto infeliz do ódio e da execração de todos os seus povos; acometeram-no a um tempo todas as desgraças; perdeu em menos de seis meses quantas conquistas havia alcançado contra seus inimigos; acendeu-se a guerra civil e, transtornadas depois as estações do ano, acabaram de arruinar todo o reino.

Mas nenhuma destas desgraças lhe causava tanta dor e tanta raiva como a notícia das maravilhas que cada dia obrava Deus no sepulcro do santo. Quis informar-se por si mesmo se era verdade que de noite se iluminava o sepulcro com uma claridade milagrosa; e, tendo subido ao castelo de Cracóvia, logo que descobriu aquela claridade ficou tão possuído de terror que quase perdeu o juízo. A inquietação e turbação de sua consciência cresciam ao passo das desgraças; e assim, deixando a Polônia, refugiou-se no reino da Hungria sob a proteção do rei Ladislau; mas, seguindo-o em todas as partes a justiça de Deus, acabou de perder o juízo, abandonou sua casa e andou algum tempo errante pelos campos e pelos bosques, onde morreu miseravelmente, sendo as feras sepultura de seu corpo.

Duraram as milagrosas luzes sobre o sepulcro de nosso santo por espaço de dez anos, isto é, até que seu corpo foi trasladado com grande solenidade à catedral de Cracóvia e colocado num magnífico sepulcro, onde o honrou Deus com tanto número de milagres que fizeram seu nome célebre em todo o universo e obrigaram a Sé Apostólica a declará-lo mártir glorioso.

# Martirológio Romano

Em Cracóvia, na Polônia, a festa de Santo Estanislau, bispo e mártir, que foi morto pelo ímpio rei Boleslau.

Em Terracina, na Campânia de Roma, a festa de Santa Flávia Domitila, virgem e mártir, filha de uma irmã do cônsul Flávio Clemente e consagrada a Deus por São Clemente, papa, que lhe havia dado o véu. Desterrada com outros muitos cristãos à ilha de Ponza pela confissão do nome de Jesus Cristo, padeceu ali, durante a perseguição de Domiciano, um prolongado martírio; tendo voltado a Terracina, converteu muitas pessoas à fé com suas exortações e milagres; o juiz mandou pôr fogo à câmara que habitava com suas companheiras Eufrosina e Teodora, virgens, e deste modo acabou a carreira de seu glorioso martírio. Sua memória se celebra também no dia doze de maio, juntamente com a dos santos mártires Nereu e Aquileu.

No mesmo dia, São Juvenal, mártir.

Em Nicomédia, os santos irmãos Flávio, Augusto e Agostinho, mártires.

Ali mesmo, São Quadrato, mártir, que, depois de haver sido muitas vezes atormentado durante a perseguição de Décio, foi por último decapitado.

Em Roma, São Bento, papa e confessor.

Em York, na Inglaterra, São João, bispo, célebre por sua santa vida e milagres.

Em Pavia, São Pedro, bispo.

Em Roma, a trasladação do corpo de Santo Estêvão protomártir, que no pontificado de Pelágio foi levado de Constantinopla àquela cidade e colocado no sepulcro de São Lourenço, mártir, no Campo Verano, onde é honrado com a concorrência e devoção dos fiéis.

# Missa (oração)

A missa é em honra do santo, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Deus, pro cujus honore gloriosus pontifex Stanislaus gladiis impiorum occubuit: præsta, quæsumus, ut omnes qui ejus implorant auxilium, petitionis suæ salutarem consequantur effectum. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

**Português:** Ó Deus, por cuja honra morreu o glorioso pontífice Estanislau à violência das espadas dos ímpios, suplicamo-vos que concedais que todos os que imploram seu amparo consigam o salutar efeito de sua petição. Por Nosso Senhor Jesus Cristo.

# Epístola

A epístola é do capítulo 5 do livro da Sabedoria, e a mesma que a do dia 1.

**Sabedoria 5,1-5**

> **Latim:** [1] Tunc stabunt justi in magna constantia adversus eos qui se angustiaverunt, et qui abstulerunt labores eorum. [2] Videntes turbabuntur timore horribili, et mirabuntur in subitatione insperatæ salutis ; [3] dicentes intra se, pœnitentiam agentes, et præ angustia spiritus gementes : Hi sunt quos habuimus aliquando in derisum, et in similitudinem improperii. [4] Nos insensati, vitam illorum æstimabamus insaniam, et finem illorum sine honore ; [5] ecce quomodo computati sunt inter filios Dei, et inter sanctos sors illorum est.

**Português:** [1] Então se levantarão os justos com grande afou-teza contra aquêles que os atribularam, e que lhes roubaram o fruto dos seus trabalhos. [2] Vendo-os assim, perturbar-se-ão com temor horrível, e ficarão assombrados pela novidade repentina da sua salvação, que êles não esperavam, [3] dizendo dentro de si, tocados do arrependimento, e com angústia do espírito gemendo: Estes são aquêles, de quem nós noutro tempo fazíamos zombaria, e a quem tínhamos por objeto de opróbrio. [4] Nós insensatos reputávamos a sua vida por uma loucura, e o seu fim sem honra: [5] Ei-los aí como têm sido contados entre os filhos de Deus, e entre os santos está a sua sorte.

# Nota

«Assim alguns escritores modernos como também alguns padres antigos duvidaram se este livro é verdadeiramente de Salomão, ainda que todos convêm em que é do Espírito Santo. Mas, além de que o atribuem a Salomão São Cipriano, Santo Agostinho, Orígenes etc., não há mais que ler os versículos 7 e 8 do capítulo 9 para ficar plenamente convencido de que não foi outro seu autor.»

# Reflexões

*Nos insensati:* néscios de nós, que qualificávamos sua vida de loucura e sua morte sem honra; e agora os vemos ali elevados à dignidade dos filhos de Deus! É certo: as ilusões cegam durante a vida, mas seu engano não passa os limites da morte; nossas preocupações duram o que duram nossos dias. Mas que coisa tão triste é não conhecer o erro até que já se tem às costas a pena! Terrível arrependimento aquele que jamais se há de acabar e já não tem remédio.

Nem todos os erros são do entendimento; também o coração tem seus extravios. Suas ilusões são suas enfermidades; poucas há que não sejam incuráveis, nenhuma que não seja voluntária; suas consequências são sempre funestas. Nunca se descaminha pela metade o que se descaminha por inclinação.

O amor-próprio é o manancial mais fecundo das ilusões do coração. Nunca se desconfia delas, porque sempre nos são agradáveis; mal reinam na alma, a razão, digamo-lo assim, perde sua liberdade. O entendimento, o gênio, a educação, tudo segue cegamente a impressão que fazem, tudo cede a elas. Nem as paixões fazem progressos nem causam danos senão em favor das névoas que as ilusões levantam. Até os erros do entendimento não têm outro princípio. É mister curar o coração se se quer estancar o manancial mais ordinário destes erros.

São poucas as pessoas que estão isentas destes enganos da vontade, e menos as que se defendem deles. Que condição, que estado pode achar-se tão feliz que seja impenetrável a estes erros? Os grandes, por via de regra, nascem tão cheios de preocupações a favor de sua grandeza que raras vezes se desenganam delas; o povo se alimenta com o maior gosto de tudo aquilo que o lisonjeia; o mundo é verdadeiramente o país próprio e nativo das ilusões do coração; poucos mundanos há que não estejam preocupados delas; e que império não logram sobre um ânimo, sobre um coração que forma delas a regra de sua devoção, de sua conduta e até de sua religião?

Os efeitos ordinários destas ilusões são uma ambição insaciável, um fundo inesgotável de avareza, uma obstinação invencível no erro, uma adesão tenaz e caprichosa ao partido que se segue, uma aspereza de gênio insuportável, um ódio implacável, hipocrisia de profissão, extravio sem remorsos e um total abandono com resolução de nunca mais arrepender-se. Não há vício que estas ilusões não lisonjeiem; poucos que não pretendam fazer plausíveis e que não adotem. E aquela artificiosa segurança com que vivem muitas pessoas, cuja consciência tem tantos motivos para estar sobressaltada, é o fruto mais natural e mais ordinário destas ilusões voluntárias.

*Nos insensati.* Ah, que insensatos temos sido!

Que tempo é de abrir os olhos quando já tudo é trevas para nós? Que tempo é de conhecer e de confessar o erro quando já nos achamos no precipício? Deveríamos ter desconfiado a tempo de nosso próprio ditame, que serviu de joguete e de zombaria a nosso coração; deveríamos ter escutado sem preocupação os conselhos salutares daqueles a quem havia escolhido Deus para que nos dirigissem; deveríamos ter dado ouvidos à Igreja e não nos haver feito escravos da paixão, da vaidade e de nosso próprio juízo. Insensatos de nós! Insensatos de nós! Esta será a cantilena dos dissolutos e dos hereges na outra vida: *Nos insensati;* confissão sem proveito, confissão muito inútil. Deverias tê-lo confessado, deverias tê-lo crido quando to diziam, quando te achavas em estado de emendar-te e de corrigir-te.

# Evangelho

O evangelho é do capítulo 15 de São João.

**João 15,1-7**

> **Latim:** [1] Ego sum vitis vera, et Pater meus agricola est. [2] Omnem palmitem in me non ferentem fructum, tollet eum, et omnem qui fert fructum, purgabit eum, ut fructum plus afferat. [3] Jam vos mundi estis propter sermonem quem locutus sum vobis. [4] Manete in me, et ego in vobis. Sicut palmes non potest ferre fructum a semetipso, nisi manserit in vite, sic nec vos, nisi in me manseritis. [5] Ego sum vitis, vos palmites : qui manet in me, et ego in eo, hic fert fructum multum, quia sine me nihil potestis facere. [6] Si quis in me non manserit, mittetur foras sicut palmes, et arescet, et colligent eum, et in ignem mittent, et ardet. [7] Si manseritis in me, et verba mea in vobis manserint, quodcumque volueritis petetis, et fiet vobis.

**Português:** [1] EU sou a videira verdadeira: e meu Pai he o agricultor. [2] Todas as varas, que não derem fruto em mim, elle as tirará: e todas as que derem fruto, alimpallás-ha, para que o dem mais abundante. [3] Vós já estais puros em virtude da palavra, que eu vós disse. [4] Permanecei em mim: e eu permanecerei em vós. Como a vara da videira não póde de si mesmo dar fruto, senão permanecer na videira: assim nem vós o podereis dar, senão permanecerdes em mim. [5] Eu sou a videira, vós-outros as varas: o que permanece em mim, e o em que eu permaneço, esse dá muito fruto: porque vós sem mim não podeis fazer nada. [6] Se alguem não permanecer em mim: será lançado fora como avara, e seccará, e enfeixallo-hão, e lançallo hão no fogo, e allí arderá. [7] Se vós permanecerdes em mim, e as minhas palavras permanecerem em vós: pedireis tudo o que quizerdes, e ser-vos-ha feito.

# Meditação

*A desdita de uma vida ociosa e inútil*

# Primeiro ponto

Considera o sentido destas palavras: *Omnem palmitem in me non ferentem fructum, tollet eum:* todo ramo enxertado em mim que não der fruto, meu Pai o arrancará. Não basta que o ramo esteja unido ao tronco; é mister que dê fruto: quando não o dá, corta-se com todas as suas folhas, arroja-se ao fogo e arde. É justamente nisto que vai parar uma vida ociosa.

Pois que sorte hão de esperar aquelas pessoas que encanecem numa vida ociosa e regalada, cujos dias vazios são, por assim dizer, como dias de inverno, estéreis e gelados? De que utilidade pode ser para o céu a vida inteiramente pagã dessas gentes do mundo, que ignoram até os primeiros princípios da religião ou, se estão instruídas neles, vivem sem praticá-los?

Certamente, ao ver em que se ocupa ordinariamente hoje em dia a maior parte da gente do mundo, poder-se-ia perguntar se basta o nome e a profissão de cristão para não fazer em todo o dia coisa de proveito, ou se a inação e a inutilidade se reputam por vida cristã entre os cristãos. Quantas pessoas há ociosas, e até enfastiadas de sua própria ociosidade, que apesar disso não acham tempo ou, por melhor dizer, não têm paciência para assistir ao santo sacrifício da missa? Poder-se-ia dizer que à força de querer parecer pouco devotas, e até pouco cristãs, deixam de sê-lo. Concursos de ociosidade, visitas inúteis, jogos de toda espécie, entretenimentos sem substância, diversões frívolas, espetáculos e vadiagem: nisto se passa toda a vida, pelo menos até que um revés de fortuna ou uma idade já avançada e desgostada de tudo condenam um homem ao retiro; e ainda então sua vida se reduz a uma ociosidade enfadonha e pesada que entra a suceder à divertida e regalada. Os últimos dias da vida são mais inquietos, mas não são menos ociosos. Então se faz um homem ocioso por necessidade, depois de havê-lo sido por gosto.

Dir-se-ia que basta ser uma pessoa rica, ser de distinção, ser jovem ou ter emprego para julgar-se com direito de perder o tempo; a inquietude mesma de saber como há de perdê-lo é ordinariamente o único cuidado que a ocupa. Uma mulher, casada com um marido cuja fortuna supre a obscuridade de seu nascimento, persuade-se de que a teriam por plebeia se a vissem trabalhar e deixa o cuidado de sua família a uma governanta ou a criados e criadas assalariados. as visitas, os cortejos, o toucador, o passeio, os espetáculos e o jogo consomem-lhe todo o tempo; com assistir à igreja somente por costume, por moda ou por pura cerimônia; com fazer certas momices ou certas exterioridades de devoção, julga que já não há mister mais para acalmar os remorsos de uma consciência justamente sobressaltada. Este é o plano de vida de muitas pessoas que fazem profissão de cristãs, isto é, que seguem uma religião em que se condena até a mais mínima palavra ociosa e que indispensavelmente pede de todos os seus filhos uma vida pura, laboriosa, mortificada e dias tão cheios que somente se dá o prêmio e a coroa às boas obras. Junta, se puderes, estes extremos e compreende, se acertares, este mistério. Mas ah! É muito fácil compreendê-lo. *Toda árvore que não der fruto será cortada, será lançada ao fogo e arderá.* Examinemos se temos que temer nesta matéria.

# Segundo ponto

Considera que nunca foi vida cristã a vida desses homens que parece que vivem só para divertir-se, desses ociosos de profissão. Uma leve tintura de nossa religião basta para saber quanto reprova a ociosidade e essa vida inútil, vadia e regalada. Dá-se o céu aos adultos a título de prêmio; e seria bom que fosse este o salário dos ociosos? Quantos e quantos terão por herança a reprovação eterna!

Achar-se-ão poucos que não tenham família de que cuidar, ou ao menos algum criado, algum dependente de quem dar estreita conta. Nenhum há que não tenha muitas obrigações que cumprir, o grande negócio da salvação a que atender, talentos que aproveitar, dias contados que santificar e, enfim, uma terrível conta que dar a Deus de todos os instantes e de todas as ações de sua vida. Compõe-se bem crer tudo isto e viver como se vive? Quem está carregado de tantas obrigações pode dizer que nada tem que fazer? Pode não saber como há de passar o tempo? É lícito a um só cristão viver como vive hoje a maior parte das pessoas do mundo?

Em matéria de costumes dentro da religião cristã, os artigos são decretos, os preceitos caminham a par com os artigos. O que não leva sua cruz todos os dias, *quotidie,* como diz Jesus Cristo [^2], em vão se lisonjeia de ser discípulo seu. Vigiai e orai sem cessar, dai-vos pressa, esforçai-vos por entrar no céu: *contendite.* Quem não se fizer uma contínua violência para chegar a tempo não achará lugar nele. Não se dá licença para olhar para trás uma vez que se tenha posto a mão no arado. Ainda que foi tão pura, tão irrepreensível a vida daquelas virgens que, por haverem-se dormido, não fizeram a tempo provisão de azeite, bastou este só descuido, efeito de sua ociosidade, para privá-las para sempre da presença do esposo e para incorrer em sua desgraça. Até os motivos da sentença final, que porá os escolhidos na posse da eterna bem-aventurança, fundam-se precisamente no exercício das obras de misericórdia: visitas de enfermos e encarcerados, esmolas aos pobres, caridade industriosa, zelo sempre ativo e sempre frutuoso, velar e orar continuamente, sempre em guerra viva com o inimigo, sempre com obrigação de aproveitar os talentos, sempre dispostos a dar conta exata deles. Diga-se a verdade: far-se-ia muito agravo a não poucos cristãos em perguntar-lhes se real e verdadeiramente é este o Evangelho em que creem? E se o é, salvar-se-ão muitos dos que assim vivem no mundo?

Sinto em mim, Deus meu, toda a força e todo o peso destas reflexões. Quantas horas, quantos dias, quantos anos perdi! Eu sou aquele estéril sarmento que, unido a vós, não deu fruto e que deveria ser cortado para ser lançado ao fogo. Muitos motivos tenho para temê-lo; mas não tenho menos para confiar em vossa misericórdia, esperando-o tudo dela com o firme propósito que faço de mudar de conduta desde este mesmo instante.

# Jaculatórias

> *Adhæsit pavimento anima mea: vivifica me secundum verbum tuum.* Sl 118.

Pegada está ao pó minha pobre alma, oprimida do peso de minhas misérias, à vista da inutilidade de minha vida ociosa; levantai-a, Senhor, e fortalecei-a segundo vossas divinas promessas.

> *Ecce mensurabiles posuisti dies meos.* Sl 38.

Concedestes-me, Senhor, uma vida tão curta e tão medida; e, em meio disso, perdi tantos dias!

# Propósitos

1. *Qui sectatur otium, stultissimus est,* diz o Sábio [^3]: o que ama a ociosidade, ou, como lê o hebraico, o que se arrima a gente ociosa e gosta de tratar com ela, é muito néscio. Basta uma leve

tintura de nossa religião para confessar que é a maior e mais ridícula de todas as extravagâncias crer o que cremos, esperar o que esperamos e viver como vivemos. Desenganemo-nos: a vida delicada e ociosa nunca foi vida cristã. Não há condição, qualidade, estado nem idade que nos dispense da obrigação de trabalhar todos os dias para nossa salvação, sem perder um só dia nem uma só hora; de velar, de orar e de combater, de entesourar boas obras e de pô-las a ganho para o céu. A lei é geral. E que outra coisa significa a parábola das virgens prudentes e néscias, a do arrendador industrioso, a do criado preguiçoso e tímido, a da figueira carregada de folhas e sem fruto? O supremo e soberano Juiz só faz menção das boas obras quando castiga e quando premia. És tu do número daquela gente ociosa, ou daquelas mulheres cuja vida se passa toda em enfeitar-se, em divertir-se e em estar de braços cruzados? Pois chora teu estado, lamenta tua sorte; porque há poucos sinais mais certos de reprovação que essa ociosidade, essa vida inútil. *Negotiamini dum venio* [^4]: negociai, beneficiai esses talentos que vos concedi até que eu venha; comerciai com as graças, com os benefícios que vos fiz, com a saúde, com o tempo, com as conveniências temporais, com a mocidade, com a velhice, com a prosperidade e com as mesmas desgraças; tudo haveis de pôr a lucro. Eia, que te parece? Foram cheios todos os dias de tua vida? Pois olha que já não pode tardar em vir o Senhor; considera se deves perder o tempo e se bastará o pouco que te resta para reparar o perdido. Que desgraça seria a tua se, ainda depois deste aviso, prosseguisses em viver dias vazios!

2. Bem pode ser uma vida inútil para o céu sem ser ociosa. Bastante laboriosa é a vida da maior parte dos que vivem no mundo; mas que fruto tiram de seus trabalhos e de seus afãs? Raras vezes tem lugar a ociosidade, ou ao menos nunca se está em repouso numa comunidade religiosa; os exercícios da vida regular não sofrem gente ociosa. O zelo da salvação das almas já se sabe que desterra a ociosidade; não há vida mais penosa que a dos homens apostólicos. Com tudo isso, lembra-te de que sucede não poucas vezes que, quando esses homens, na aparência tão ricos, se acham acometidos do sono da morte, não encontram nada em suas mãos. «Muitos me dirão naquele dia, diz Cristo: Senhor, pois não profetizamos em vosso nome? Não lançamos os demônios? Não fizemos milagres? E eu responderei claramente: Não vos conheço: *nunquam novi vos*» [^5]. Oráculo terrível, que prova que se pode trabalhar muito na vida sem adiantar nada para o céu. A fim de evitar esta desgraça, nada faças por tua própria escolha, por gênio ou inclinação natural. Pois vives sujeito a um superior, não faças coisa que não seja por obediência. Se estás no mundo, dispõe um método ou regra de vida que seja o móvel de todas as tuas operações; desconfia sempre de teu amor-próprio e de teu próprio juízo; foge da ociosidade, mas não olhes com menos horror a vida inútil, tendo perpetuamente na memória esta terrível sentença: *Toda árvore que não leva mais que flores e folhas será cortada e lançada ao fogo* [^6].

[^1]: O OCR traz «Dublin»; trata-se de Lublin (Piotrawin fica no antigo palatinado de Lublin). [^2]: Lc 9,23. A chamada «(1)» consta do original, mas o texto da nota não aparece no OCR; a referência foi deduzida do texto citado. [^3]: Pr 12,11 (o OCR traz «Proverb. 19»). [^4]: Lc 19,13. A chamada «(1)» consta do original, mas o texto da nota não aparece no OCR; a referência foi deduzida do texto citado. [^5]: Mt 7,23. A chamada «(1)» consta do original, mas o texto da nota aparece deslocado, no início do dia 8, como «(1) Matth. 7». [^6]: Mt 3,10. A chamada «(2)» consta do original, mas o texto da nota aparece deslocado, no início do dia 8, como «(9) Matth. 3».

Revision #1
Created 20 November 2026 20:47:54 by Admin
Updated 20 November 2026 20:47:55 by Admin